

ENTRE A MEMÓRIA E A FICÇÃO COM CARLOS HEITOR CONY*

Adriano Simioni Alvim - UEMG
Aline da Fonseca Sá e Silveira - UEMG
Emerson Costa de Melo - UEMG
Luciano Dias de Sousa - UEMG
Renan Galdino Rosostolato – UEMG

Resumo: A obra *Quase romance-quase memória*, de Carlos Heitor Cony, privilegia a reflexão sobre os gêneros literários que se baseiam no resgate das lembranças do passado. Ao invés de um registro objetivo, predomina a percepção pessoal e subjetiva do narrador, o que estabelece um diálogo entre memória e ficção. A análise tem como objetivo investigar marcas da memória e da realidade criada pela Literatura, assim como seus possíveis desdobramentos no livro. Através deste livro não se tem apenas uma biografia, mas também uma espécie de romance histórico, que questiona as fronteiras da literatura através da paisagem do Rio de Janeiro do período da ditadura Vargas e outros fatos da história do jornalismo carioca Carlos Heitor Cony que faleceu em janeiro de 2018.

Palavras –chave: memória; ficção; literatura

1.Considerações iniciais

Carlos Heitor Cony, foi escritor carioca e membro da Academia Brasileira de Letras, trabalhou como jornalista, atividade que exerce até o final de sua vida como cronista da Folha de São Paulo.

Fato marcante na sua vida foi sua permanência num seminário católico, onde estudou para seguir a carreira eclesiástica, da qual desistiu, tornando-se um agnóstico de grande cultura religiosa. Esteve preso durante o período da ditadura militar devido a artigos e reportagens que denunciavam a ditadura.

Uma característica forte do estilo de Cony é a postura de ironia que usou como recurso literário para falar de si e expor suas opiniões sem ter que defendê-las seriamente. Em *Quase memória, quase romance*, ao começar do título, a proposta do livro é o descompromisso com o relato exato, o que não deixa de ser um realismo atual, pois vivemos num tempo em que já não se crê na possibilidade de um relato objetivo, ou mesmo de uma observação objetiva dos fatos. A percepção subjetiva e os objetos de observação mesclam-se de forma inseparável: não existe o registro do passado, mas a percepção pessoal e subjetiva deste passado. Cony assume isso até o limite, admitindo que suas memórias são fragmentadas, parciais e subjetivas.

O dicionário Aurélio (2010, p. 642) define a palavra realidade como “qualidade de real, que existe efetivamente”. Em oposição do que é real, temos o fictício ou a fantasia. Em que momento o fantasioso se desprega do real, e o real se desprende do fictício na Literatura? Se entendermos a realidade como um fato histórico acontecido e cristalizado pela palavra, em

* XV Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e XII Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online.

que momento ele deixa de ser real, deixa de ser história e se conforma ao ficcional no mundo criado pela Literatura?

1. Memória e Ficção

O vocabulário “literatura” provém do latim *litteratura* que deriva de *littera*, que significa o ensino das primeiras letras. Com o tempo a palavra ganhou o sentido de arte das belas letras, ou arte literária. Na segunda metade do século XVIII a literatura se identificou por meio do culto da imaginação. Dessa forma, a literatura é a expressão dos conteúdos da ficção, ou da imaginação, por meio de palavras de sentido múltiplo e pessoal. E podemos afirmar que a literatura é a representação do real para o imaginário.

Talvez a literatura seja definível não pelo fato de ser ficcional ou “imaginativa”, mas porque emprega a linguagem de forma peculiar. Segundo essa teoria, a literatura é a escrita que, nas palavras do crítico russo Roman Jakobson, representa uma “violência organizada contra a fala comum”. A literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana (EAGLETON, 2006, p.5).

A imaginação também está presente na memória a partir da existência das lembranças, isto é, recordações que são representadas por imagens. Através das lembranças podemos verbalizar as recordações e só assim a memória se estabelece na mente de forma concreta.

Para Pierre Nora (1993) a memória está ligada ao momento particular da nossa história e representa um momento de ruptura entre a consciência e passado. Assim Nora afirma:

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória (NORA, 1993, p.7)

O termo memória tem sua origem etimológica no latim e significa a faculdade de reter ou readquirir ideias, imagens, expressões e conhecimentos adquiridos anteriormente através das lembranças. Partindo desse pressuposto a memória significa lembrança, recordação, e o homem necessita recordar, lembrar, rememorar, pois deseja que algo especial acontecido permaneça.

As relações entre realidade, ficção e memória estão presentes na obra *Quase memória: quase-romance*, escrita por Carlos Heitor Cony. Relatos na obra se misturam com a fantasia, pois os eventos relembrados configuram-se por meio de imagens mentais que invocam o sonho. Por consequência, a ficção na obra se insere nas narrativas de memória que, de forma paradoxal, costumam procurar referência na realidade.

Segundo Bolaños (2012), as referências relativamente objetivas guardam as lembranças mais subjetivas e íntimas do passado, são pontos importantes para reviver, estão guardados na memória. Bolaños afirma:

Essa memória é capaz de reviver o passado, mas esse passado traz a consciência de que não existe mais, enclausurado pelos novos tempos. A memória pode ser, também, mágica na invenção do que nunca existiu; memória reparadora em oposição à ruína, solidão e ausência do presente; memória que, embora mitifique o passado, se sabe em crise, erodida pelo avanço inevitável do esquecimento (BOLAÑOS, 2012, p.85).

Na obra, o leitor é levado pela leitura, revivendo as experiências vividas pelo pai e família do autor, transformado em personagem. Desse modo, a narrativa parece transformar-se ora em autobiografia, ora em biografia, ora em memória e ora em romance fantástico.

Em *Quase memória: quase romance*, escrita por Carlos Heitor Cony, o narrador-personagem estava, no dia 28 de novembro de 1995, almoçando com a secretária e alguns amigos no Hotel Novo Mundo, no Flamengo, Rio de Janeiro, quando foi abordado pelo porteiro do hotel, que lhe entregou um embrulho. Quando viu seu nome no envelope, identificou imediatamente a letra de seu pai: só ele escreveria o nome do narrador daquela maneira. As dobras no papel, o nó no barbante de maneira que só ele daria, tudo o identificava. O impressionante é que seu pai já havia falecido há dez anos. Assim, ocorre um episódio de memória involuntária. O embrulho característico desencadeia a avalanche de recordações que constitui o enredo do livro.

O porteiro tirou os óculos, abriu uma gaveta embaixo do balcão e de lá retirou o embrulho, que parecia um envelope médio, gordo, amarrado por barbante ordinário.
 - Um hóspede esteve aqui no último fim de semana, perguntou se nós o conhecíamos, pediu lhe entregássemos este envelope ...
 - Sim ... sim... (CONY, 2014, p.9-10).

Dessa forma, o imaginário arma ciladas para a memória, quando a lembrança assume composições em imagens, o que pode demonstrar a perda de confiabilidade na fidelidade da memória, uma vez que esta busca a anterioridade do fato, aquilo que ocorreu no passado. Sendo esta busca para o presente uma possibilidade de reconstrução dos fatos pela imaginação e memória.

Quase memória, quase romance, compõe-se de vinte e cinco capítulos, é escrito em primeira pessoa, sem obedecer à sequência dos fatos. O narrador personagem descreve com riqueza de detalhes fatos e personagens reais ou fictícios. O pai é o foco principal de um momento memorialístico e nostálgico do narrador.

De repente, não senti cheiro algum. Nada fizera além de olhar o embrulho imóvel, no centro da minha mesa de trabalho, eu também imóvel, viajando sem pressa e sem itinerário por cheiros antigos, cheiros que sentira ou (julgara sentir), cheiros que pareciam vir do embrulho mas que, de repente, desconfiei que vinham de mim mesmo. (CONY, 2014, p. 32)

É possível observar que existe uma provocação do autor sobre o que seria ou quem seria ficção nesta obra. Segundo o próprio Cony, para classificar a obra como romance, “faltalhe, entre outras coisas, a linguagem. Ela oscila, desgovernada, entre a crônica, a reportagem e, até mesmo, a ficção” (CONY, 2014, p. 7). O autor prefere classificá-lo como “quase romance”, pois, “além da linguagem, os personagens reais e irreais se misturam, improvavelmente, e para piorar, alguns deles com os próprios nomes do registro civil.

A construção de *Quase memória, quase romance*, é, na realidade, exemplo de flexibilidade narrativa, servindo-se de recursos próprios de vários gêneros: o tom elevado da epopeia, a comicidade da paródia e da sátira, a intertextualidade, relatos da história do período e, principalmente, as referências extratextuais das narrativas de vida.

Para Rossi (2010), a memória como ato de lembrar é a capacidade de recuperar algo que se possuía antes e que se perdeu com o passar do tempo, foi esquecido. Sua concepção inclina-se, desse modo, para a tradição aristotélica, para a qual os sentidos são importantes na recuperação de lembranças, ou memórias, do já conhecido ou experimentado. Na obra de Cony, o narrador-personagem é mergulhado nas lembranças, a princípio pela visão do embrulho em geral, depois por sensações.

Sobre a mesa de trabalho o embrulho-envelope parece cheirar mais e melhor. Eu nem preciso aproximar o rosto: sinto-lhe o cheiro de alfazema. Mas logo desconfio que, continuando a contemplá-lo, começo a sentir dentro do cheiro maior outros cheiros menores, que identifico como dele embora em escala diferente. Um cheiro vivo, mas distante, da brilhantina que ele usava, um potezinho pequeno e redondo com bonito rótulo dourado. Não esqueci o cheiro, mas não lembro o nome, era francês, talvez Origan, de Gally, qualquer coisa parecida. (CONY, 2014, p. 17).

Vários são os dispositivos responsáveis por acionar a nossa memória, seja voluntária ou involuntariamente. De acordo com Rossi, existe uma diferença entre memória e reminiscência, que nem sempre é levada em consideração. A memória “parece referir-se a uma persistência, a uma realidade de alguma forma intacta e contínua” (Rossi, 2010, p. 15). A reminiscência, por outro lado, “remete à capacidade de recuperar algo que se possuía antes e que foi esquecido” (Rossi, 2010, p. 15).

Para o narrador-personagem, uma lembrança leva a outra, e ele, parado, olhando o embrulho, vai buscando e reconstruindo as histórias fantásticas, cuja estrela principal era sempre o pai. O pai fora o herói da sua infância, capaz de recorrer a quaisquer expedientes para dar o melhor para a família. Quando perdeu o emprego no jornal, vendeu rádio, instalou antenas, criou e vendeu galinhas e ovos. Tudo faz parte de sua história pessoal, de sua vida, um passado não esquecido. Revivido a cada momento, a partir do embrulho em sua mesa.

A espontaneidade de uma recordação traz à personagem a presença, a ausência e a anterioridade e podem ser interligadas nesse romance em que a presença do pai se faz, mesmo depois de sua morte (de sua ausência física) através de um objeto, configurando a ausência dessa figura paterna tão significativa na vida do filho, refletindo em dois aspectos determinantes: a iniciativa de contar essa história trazendo à tona as angústias e as alegrias agora revividas baseadas no passado, motivador de tantas memórias, construindo no hoje aquilo que já passou, aquilo que um dia foi e já não é, aquilo que já existiu e não existe mais, a ausência que passou.

Para Santos e Azevedo (2010) o autor Cony usou de uma flexibilidade narrativa para construção de seu romance, a liberdade da literatura e não ter compromisso com a realidade, embora fatos históricos se misturam com ficção. Santos e Azevedo afirmam:

Ao conceito de memória como gênero literário, contrapõem-se aqui as características de elasticidade, pluralidade, liberdade e complexidade da ação, apontadas no romance por Massaud Moisés. A construção de Quase memória, quase romance é, na realidade, exemplo de flexibilidade narrativa, servindo-se de recursos próprios de vários gêneros: o tom elevado da epopeia, a comicidade da paródia e da sátira, a intertextualidade, relatos da história do período e, principalmente, as referências extratextuais das narrativas de vida (SANTOS E AZEVEDO, 2010, p.4)

As relações familiares são bastante trabalhadas na literatura, não faltam casos de relatos “autobiográficos” construídos a partir dessa relação. Em sua maioria são colocadas a personagens em terceira pessoa, com outros nomes e outras personagens, sejam situações banais, sejam eventos marcantes, sempre assumem caráter não-ficcional por alguns pelo envolvimento aparente que encontra o leitor. Cony narra sua história a partir da primeira pessoa, colocando-se como narrador-personagem e através disso, estabelecemos algumas questões importantes para entender a obra e como esse narrador desenrola sua narrativa.

A narrativa segue de duas formas: existe a linearidade do tempo real do personagem e os acontecimentos memorialísticos que vão surgindo conforme uma história se amarra à outra. Portanto, temos de forma externa, um período curto de uma tarde que marca o recebimento do pacote, logo após o almoço se estendendo até o anoitecer. Paralelamente a isso os relatos se alternam desde sua infância, até a morte do pai, sem cumprir uma regra de linearidade dos

fatos, conforme são narrados, os cheiros, uma música, um momento, desencadeiam as lembranças.

Até mesmo o cheiro – pois o envelope tinha um cheiro – era dele, de fumo e água de alfazema que gostava de usar, metade por vaidade, metade por acreditar que a alfazema cortava o mau-olhado, do qual tinha hereditário horror.

Recente, feito e amarrado há pouco, tudo no envelope o revelava: ele, o pai inteiro, com suas manias e cheiros.

Apenas uma coisa não fazia sentido. Estávamos – como já disse – em novembro de 1995. E o pai morrera, aos 91 anos, no dia 14 de janeiro de 1985 (CONY,2014, p.11).

O espaço inicial é seu escritório, em frente à sua mesa de trabalho está o objeto embrulhado, com movimentos de vai e volta, o narrador-personagem transporta o leitor ora para a casa dos pais, ora para o seminário onde estudou quando criança, mas mantém-se fixamente no espaço inicial e na posição inicial da trama.

Alguns registros do âmbito da história também são citados ao longo da narrativa, estão diretamente ligados à vida desses personagens. Como na ocasião da renúncia de Jânio Quadros e a crise militar, fatores que influenciaram diretamente seu ofício de jornalista e que são marcadores de um período importante para a história do país e relevantes para a narrativa.

Ao final, o embrulho não é aberto, e isso já se torna secundário. Podemos perceber que realmente o que importa nessa leitura são as linhas tênues entre realidade e ficção, o distanciamento que a memória tem, apesar de parecer o contrário, a forma como os fatos são projetados dado o distanciamento do tempo influenciado diretamente pelas emoções. A narrativa desperta no leitor muito mais que uma simples reflexão ou uma análise, ela possui um fio condutor para as relações entre o passado e presente na vida.

3.Considerações finais:

As narrativas em primeira pessoa, de uma forma geral, sempre chamam atenção pelo fato de estabelecerem uma ligação “direta” com o autor, fazendo com que haja essa desconfiança ainda maior de quem é narrador e quem é personagem e até que ponto o autor está inserido na fala de um ou de outro.

No caso da narrativa Cony, como podemos perceber ao longo do texto, ele mesmo assume o papel de narrador-protagonista tendo como personagem principal seu pai, o jornalista Ernesto Cony Filho como também seu filho viria a ser mais tarde.

A reflexão a respeito do que é ficção e o que é realidade se torna secundária no momento em que somos levados a uma reflexão para dentro das memórias desse filho, que, de forma saudosista, rememora sua vida em algumas páginas, algumas horas (tempo retratado através dos momentos em que retorna à realidade, situando o local de onde isso acontece e o tempo em que se encontra, em seu escritório.

A narrativa por ser em primeira pessoa e sabermos de fato quem é essa pessoa que fala, dá ao leitor, ainda mais, a sensação de veracidade, levando em conta que estamos assistindo a uma construção memorialística, onde os fatos são presenciados e sentidos a partir de um único ponto de vista: o de Cony.

4.Referências:

ARAGÃO, Maria Lucia. **Memórias literárias na modernidade**. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11423/6898>. Acesso: 28 de julho de 2018.

BOLAÑOS, Aimeé G. **Ficções da memória ou a memória da ficção: Dulce María Loynaz e Cecília Meireles.** Estudos de literatura brasileira contemporânea, n.40, jul./dez. 2012, p. 81-98. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/elbc/n40/a06n40.pdf>. Acesso em: 2 de agosto de 2018.

CONY, Carlos Heitor. **Quase memória: quase romance.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2014.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma Introdução.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A problemática dos lugares.** Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História da PUCSP. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em: 30 de julho de 2018.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias.** São Paulo: Editora UNESP, 2010.

SANTOS, Elizane de Oliveira; AZEVEDO, Mail Marques de. **Ficção e Memória em Quase memória, quase romance, de Carlos Heitor Cony.** Disponível em: https://www.uniandrade.br/docs/mestrado/pdf/FICCAO_E_MEMORIA_EM_QUASE_MEMORIA.pdf. Acesso em: 3 de agosto de 2018.